

GEOMORFOTOPONÍMIA HISTÓRICA DE MINAS GERAIS

Marianna De Franco Gomes (UFMG)
mariannafranco.lettras@gmail.com

RESUMO

Esta pesquisa está vinculada ao trabalho de Dissertação *Geomorfotopônimos Históricos*, uma vez que o trabalho esteja em andamento. Realizada pelo Programa de Pós-graduação em estudos Linguísticos (FALE-UFMG), a Dissertação é um desdobramento do Projeto *Registros Cartográficos Históricos: Revelando o Patrimônio Toponímico de Minas Gerais do Período Colonial ao Joanino*, realizado entre 2014 e 2016, no Centro de Referência em Cartografia Histórica (CRCH/UFMG), coordenado pela Prof^a Maria Cândida Trindade Costa de Seabra e pela Prof^a Márcia Maria Duarte dos Santos. O Projeto mencionado possibilitou a coleta de topônimos em documentos cartográficos que compõem as Comarcas da Capitania de Minas Gerais no século XVIII e início do XIX. O procedimento teórico-metodológico proposto por Dick (1990b) foi usado para classificar os topônimos em taxonomias de acordo com os principais fatores motivacionais e a análise do material permitiu criar um banco de dados que organiza e sistematiza os topônimos coletados. O trabalho de Dissertação objetiva, portanto, analisar, quantitativa e qualitativamente, os geomorfotopônimos (topônimos relacionados aos aspectos topográficos) coletados do banco de dados do projeto citado, evidenciando os aspectos produtivos dessa taxa. Por ser um recorte do trabalho de Dissertação, esta pesquisa objetivou evidenciar alguns resultados parciais obtidos por meio da análise dos dados. Foi possível, portanto, averiguar a relação dos geomorfotopônimos com o ambiente inserido no contexto histórico estudado, revelando um patrimônio linguístico que contribui à memória histórica e cultural de Minas Gerais.

Palavras-chave:

Geomorfotoponímia. Cartografia Histórica. Léxico toponímico.

1. Introdução

O sistema lexical de uma língua não é fixo e imutável, uma vez que está em constante processo de mudanças de acordo com a necessidade de seus usuários. Como explicita Alves (1994, p. 5): “o acervo lexical de todas as línguas vivas se renova”. Diante dessa dinamicidade da língua, os estudos lexicais são inesgotáveis e possibilitam produtivas pesquisas.

Entretanto, essa dinamicidade não é verificada na Toponímia, que estuda os nomes próprios de lugares, já que o topônimo (nome de lugar) se perpetuando tempo, conforme explica Isquierdo:

Se no âmbito do vocabulário comum a manutenção de uma unidade lexical na língua é estreitamente dependente do seu uso frequente e regular, na to-

ponímia isso não acontece, pois, uma vez incrustado em um sistema toponímico, o topônimo perpetua-se e projeta-se no tempo, adquirindo autonomia e, conseqüentemente, não mais ficando à mercê do uso da unidade lexical que lhe deu origem na língua. (ISQUERDO, 2012, p.117)

É por isso, portanto, que ao estudar um topônimo é possível resgatar aspectos da cultura e história pertencentes ao denominador e, assim, do grupo social a que pertence:

Vistos, pois, pelo viés de uma perspectiva mais ampla, todos os sistemas toponímicos documentam não só traços linguísticos, como também deixam sobressair imbricações entre o nome e a identidade histórico-cultural do grupo a que pertence o denominador, enfim, de diferentes sistemas etnolinguísticos historicamente situados no tempo e no espaço. (ISQUERDO, 2012, p. 118)

Diante dessa perspectiva, é reconhecível o valor das pesquisas toponímicas, já que permitem valiosos resgates histórico-culturais de um povo.

O trabalho de Dissertação *Geomorfotopônimos Históricos*, que está em andamento, objetiva descrever e estudar os geomorfotopônimos, ou seja, topônimos que estão associados aos aspectos da topografia, retirados do banco de dados do Projeto *Registros Cartográficos Históricos: Revelando o Patrimônio Toponímico de Minas Gerais do Período Colonial ao Joanino*⁷¹. Busca-se, portanto, revelar a produtividade dessa taxonomia, assim como sua relevância social. Por ser um recorte do trabalho a que está vinculado, este artigo objetivou evidenciar algumas tendências gerais verificadas por meio da análise dos dados.

2. O léxico toponímico

Os estudos lexicais permitem conhecer a cultura de uma sociedade, já que o léxico de uma língua compreende a realidade de mundo do grupo social que o utiliza, como aponta Abbade:

Língua e cultura são indissociáveis. A língua de um povo é um de seus mais fortes retratos culturais. Essa língua é formada por palavras que se organizam em frases para formar o discurso. Cada palavra selecionada nesse processo acusa as características sociais, econômicas, étárias, culturais etc. de quem a profere. (ABBADE, 2012, p. 141)

⁷¹ Projeto apoiado pelo CNPq Processo nº 408869/2013-5 coordenado pela Profa. Dra. Maria Cândida Trindade Costa de Seabra e sub coordenado pela Prof^a Dr^a Márcia Maria Duarte dos Santos.

Dado que as palavras constituem o sistema lexical de uma língua afirma-se, de acordo com Biderman (2001, p.179), que “qualquer sistema léxico é a somatória de toda experiência acumulada de uma sociedade e do acervo da sua cultura através das idades”. Por meio desse ponto de vista, é possível reconhecer a importância dos estudos lexicais, como completa Abbade (2012, p. 141-2) “estudar o léxico de uma língua é abrir possibilidades de conhecer mais um pouco da história social do povo que a utiliza”.

Uma das vertentes da Onomástica², tratando do estudo dos nomes de lugares ou designativos geográficos³, a Toponímia fornece objetos de estudo valiosos para a descrição do léxico toponímico que funcionam como resgate do patrimônio imaterial de uma sociedade, pois possibilitam recuperar significado dos topônimos como fonte de informações históricas e culturais que se associam ao ambiente nomeado e, portanto, ao povo que habita o local.

Essa relação entre o topônimo e o ambiente nomeado é reconhecível por meio da concepção de que o topônimo apresenta caráter motivado, ou seja, o ato denominativo compreende determinado fator que motiva a escolha do nome para o local, como apresenta Dick:

[...] o que era arbitrário, em termos de língua, transforma-se no ato do batismo de um lugar, em essencialmente motivado, não sendo exagero afirmar ser essa uma das principais características do topônimo. (DICK, 1990a, p. 38)

Essa motivação, que pode estar associada tanto aos aspectos físicos quanto sociais⁴ do ambiente, evidencia o interesse social do denominador pelo aspecto que serviu como fator motivacional. É por isso, portanto, que até mesmo os aspectos físicos do ambiente contemplam a ação das forças sociais, como apresenta Sapir (1961, p. 45) “[...] o ambiente

² A Onomástica estuda o nome próprio. Apresenta dois campos: a Antroponímia – estuda os nomes próprios de pessoas, assim como nomes parentais ou sobrenomes e as alcunhas ou apelidos; a Toponímia – estuda os nomes próprios de lugares.

³ Em sua bipartimentação física (rios, córregos, morros, etc.) e humana, antrópica, ou cultural (aldeias, povoados, cidades, etc.) (DICK, 1990b, p.119).

⁴ Por fatores físicos se entendem aspectos geográficos, como a topografia da região (costa, vale, planície, chapada ou montanha), clima e regime de chuvas, bem como o que se pode chamar a base econômica da vida humana, expressão em que se incluem a fauna, a flora e os recursos minerais do solo. Por fatores sociais se entendem as várias forças da sociedade que modelam a vida e o pensamento de cada indivíduo. Entre as mais importantes dessas forças sociais estão a religião, os padrões éticos, a forma de organização política e a arte. (SAPIR, 1961, p. 44)

físico só se reflete na língua na medida em que atuaram sobre ele as forças sociais”. Dessa maneira o topônimo:

(...) não é algo estranho ou alheio ao contexto histórico-político da comunidade. Sua carga significativa guarda estreita ligação com o solo, o clima, a vegetação abundante ou pobre e as próprias feições culturais de uma região em suas diversas manifestações de vida. (DICK, 1990b, p. 47)

Dick estabeleceu um procedimento teórico e metodológico que classifica os topônimos de acordo com os principais padrões motivadores reconhecidos pela toponimista. Trata-se de 27 taxonomias que compreendem motivações associadas aos aspectos físicos e antropoculturais⁵. Esse procedimento metodológico é amplamente usado em pesquisas que adotam o viés de estudos do léxico toponímico, principalmente, por ser um procedimento metodológico que corresponde à realidade brasileira.

Esta pesquisa objetiva apresentar umadas taxes contemplada por Dick: os geomorfotopônimos. Trata-se, de acordo com a definição proposta pela autora, dos topônimos que se associam aos aspectos topográficos, como *Morro Vermelho* e *Chapada*. É possível inferir, dessa maneira, a relevância dos aspectos topográficos, uma vez que tenham servido de motivação no ato denominativo das localidadesconsideradas na pesquisa e, assim, revelam o interesse social do denominador por esses traços.

O estudo da toponímia históricapermite compreender o passado e interpretar o presente constituindo, assim, importante patrimônio imaterial diante desse resgate cultural, como evidenciam Seabra e Santos (2009):

Isso se dá porque o topônimo, além de seu papel referencial, evidencia, também, caráter sógnico, sugerindo e apontando pistas, informações descritivas e designativas que ajudam a entender o passado e a interpretar fatos do presente; oferecendo verdadeiros testemunhos linguísticos, informações que podem ser utilizadas em diversas áreas do conhecimento humano, dentre elas, a geografia, a geologia, a arqueologia, a biologia e a história. (SEABRA, SANTOS, 2009, p. 246)

3. *ProjetoRegistros Cartográficos Históricos: Revelando o Patrimônio Toponímico de Minas Gerais do Período Colonial ao Joanino*

Estetrabalho é um desdobramento do Projeto *Registros Cartográficos Históricos: Revelando o Patrimônio Toponímico de Minas Gerais*

⁷⁵ DICK, 1990b, p. 31-4.

do Período Colonial ao Joanino, realizado entre 2014 e 2016, no Centro de Referência em Cartografia Histórica (CRCH/UFMG).

Realizado por meio de uma equipe interdisciplinar, o Projeto possibilitou a coleta de topônimos em documentos cartográficos que compõem as Comarcas da Capitania de Minas Gerais no período colonial e joanino: Paracatu, Rio das Mortes, Sabará, Serro Frio e Vila Rica.

Quinze mapas⁶ foram contemplados no projeto: oito da Capitania e sete de suas Comarcas, sendo a *Carta Geographica da Capitania de Minas Geraes, e Partes Confinantes* (1767) o documento mais antigo.

Os mapas usados no Projeto compreendem um período histórico de Minas Gerais em que a produção cartográfica era importante instrumento de conhecimento do território para o domínio desejado e adequado, como explica Otávio Brito, na apresentação da obra *Cartografia das Minas Gerais: da capitania à província* (COSTA *et al.*, 2002):

A história da ocupação territorial e da exploração econômica das Minas Gerais se confunde com o nascimento da cartografia da região. Tratava-se de conhecer para melhor dominar e administrar a área que, a partir do século XVIII, se configurava como a mais populosa e rica do império português. (BRITO, 2002)

Em relação aos autores dos mapas, é pertinente evidenciar que a autoria foi identificada em doze mapas que compõem o trabalho: José Joaquim da Rocha e Guilherme (Barão D'Eschwege), militares, e Caetano Luís de Miranda, funcionário da Intendência dos Diamantes. Explicam Seabra e Santos (2016):

Rocha, Miranda, Eschwege e outros autores que não se identificaram, segundo Santos, Seabra e Costa (2016), estavam ligados às atividades de planejamento e de administração do território mineiro, e tiveram acesso ao contexto de produção cartográfica da época e ao conhecimento geográfico que os realizadores demonstram em seus mapas. (SEABRA; SANTOS, 2016, p. 276)

A análise dos dados permitiu criar um banco de dados que organiza e sistematiza os topônimos coletados apresentando, inclusive, informações geográficas e linguísticas de acordo com os objetivos desejados, apresentados pelas estudosas:

O levantamento de assentamentos de locais e de sítios referentes à população no território mineiro, nesses períodos, de gentios, bem como o patenteamento de padrões motivadores dos nomes, das camadas dialetais presentes na língua e da permanência dos topônimos no território, atualmente. (SANTOS *et al.*, 2016, p. 270)

⁷⁶ Os mapas pertencem a acervos de museus, arquivos e bibliotecas no Brasil e em Portugal.

Diante da análise dos resultados da pesquisa alguns produtos foram apresentados. Contempla-se a criação de um Atlas Digital⁷⁷, que evidencia tendências gerais verificadas em relação ao léxico toponímico mineiro do período histórico considerado. Evidencia-se, também, a criação do Repositório de dados digital⁷⁸ que apresenta várias informações explicativas referentes ao projeto desenvolvido e disponibiliza o acesso ao banco de dados da pesquisa para a comunidade interessada.

Justifica-se a escolha por estudar os geomorfotopônimos diante dos resultados gerais apresentados no projeto. *A taxa dos geomorfotopônimos revelou-se como uma das mais produtivas dentre as de natureza física a considerar todas as ocorrências toponímicas, representando aproximadamente 4% do total, como é evidenciado por meio do seguinte diagrama:*



Figura 1 – Topônimos de natureza física na Capitania de Minas Gerais.

Fonte: Atlas digital.

Para o desenvolvimento desta pesquisa foi necessário coletar os geomorfotopônimos do banco de dados do projeto. O Repositório Digital de dados possibilita fácil consulta e acesso às informações toponímicas por meio do sistema de busca disponibilizado, como é ilustrado a seguir:

⁷⁷ SEABRA, M. C. T. C.; SANTOS, M. M. D.; COSTA, A. G. . Atlas – Patrimônio Toponímico na Cartografia Histórica de Minas Gerais. Belo Horizonte, MG: Museu de História Natural e Jardim Botânico da UFMG, 2016 (Atlas).

⁷⁸ Repositório digital. Disponível em <<http://repositoriotoponimia.com.br/mapas>> Acesso em Ago. 2018

Repositório de Dados

Home Apresentação Prefácio Fonte de dados Repositório Créditos Contato

Repositório

Motivação (Topônimo Históri) É IGUAL A Geomorfotopônimo

Buscar Adicionar Filtro Busca simples

AGUPAMENTO	ENTRADA LENCIAL	TOPÔNIMOS DE MINAS GERAIS COLONIAL				CLASSIFICAÇÃO GEOGRÁFICA				CLASSIFICAÇÃO TOPONÍMICA		
		Estado	Mesorregião	Microregião	Acidente Geográfico	Natureza	Motivação	Origem				
Comarca de Sabará Cincosentos	Barão de Cocais	Minas Gerais	Metropolitana de Belo Horizonte	Itabira	Sede municipal	Antropocultural	Antiotopônimo	Port + Consovertida				
Comarca de Sabará Cincosentos	Mateus Leme	Minas Gerais	Metropolitana de Belo Horizonte	Belo Horizonte	Sede municipal	Antropocultural	Antiotopônimo	Portuguesa				
Comarca de Sabará Cincosentos	Morro Vermelho	Minas Gerais	Metropolitana de Belo Horizonte	Belo Horizonte	Sede distrital, município Castê	Física	Geomorfotopônimo	Portuguesa				
Comarca de Sabará Cincosentos	N/E	N/E	N/E	N/E	N/E	N/E	N/E	N/E				
Comarca de Sabará Setecentos	Aimões	Minas Gerais	Nordeste de Minas	Usai	Sede municipal	Antropocultural	Antiotopônimo	Incerta				
Comarca de Sabará Setecentos	Barão de Cocais	Minas Gerais	Metropolitana de Belo Horizonte	Itabira	Sede municipal	Antropocultural	Antiotopônimo	Port + Consovertida				
Comarca de Sabará Setecentos	Morro da Garça	Minas Gerais	Central Mineira	Curvelo	Sede municipal	Física	Geomorfotopônimo	Portuguesa				
Comarca de Sabará Setecentos	Morro Vermelho	Minas Gerais	Metropolitana de Belo Horizonte	Belo Horizonte	Sede distrital, município Castê	Física	Geomorfotopônimo	Portuguesa				
Comarca de Sabará Setecentos	N/E	N/E	N/E	N/E	N/E	N/E	N/E	N/E				
Comarca Rio das Mortes Oitocentos	Bergandi	Minas Gerais	Sul/Sudoeste de Minas	São Lourenço	Sede municipal	Física	Geomorfotopônimo	Índigena				

Figura 2 – Sistema de busca do Repositório de dados digital.
Fonte: Repositório de dados digital.

4. Os geomorfotopônimos históricos

Os topônimos motivados por fatores de natureza física, como os que se associam aos aspectos da topografia, têm o significado mais comumente identificável, pois a compreensão é facilitada pelo caráter transparente desses topônimos, como explicita Seabra (2006, p.1957). A autora apresenta, ainda, alguns exemplos de topônimos como *Baixada* e *Vargem* que proporcionam fácil compreensão mesmo por aqueles que não são da região.

Os geomorfotopônimos foram organizados em fichas lexicográficas que correspondem ao procedimento teórico-metodológico proposto por Dick (1990) e adaptado por Seabra (2004). No entanto, foram necessárias adaptações na estrutura da ficha para o desenvolvimento desta pesquisa, porque é fundamental apresentar os topônimos de acordo com os registros verificados nos mapas. As fichas permitem explicitar várias informações sobre o topônimo, como o histórico de formação da localidade, localização geográfica e informações enciclopédicas que explicam, inclusive, o significado do topônimo, justificando o padrão motivador-identificado para ser considerado geomorfotopônimo. Para exemplificar,

o campo *informações enciclopédicas* da ficha lexicográfica do topônimo *Buturuna*, localidade atualmente denominada *Ibituruna*, é contemplado a seguir evidenciando o significado do topônimo:

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:Sampaio (1901, p. 117) apresenta *buturuna* como “monte negro, montanha escura, serra negra” em São Paulo e Minas Gerais.Segundo Navarro (2015, p. 566), Ibituruna de *ybytyra + un + -a*: Serra escura. O nome deve remontar ao século XVII: “[...] olhando para o Sul vimos ao longe uma Serra que nos disseram ser da *Ibituruna*”. [...] Explicita Vasconcelos (1974, p. 79), ao tratar *Ibituruna* como “o mais antigo lar da pátria mineira”: “Situada em posição felicíssima, nem perto nem longe das grandes águas, no centro de matas férteis de caça e mel, foi a Ibituruna propícia ao desporto de todos os viandantes no período do povoamento”.

As ocorrências do topônimo foram verificadas nos mapas que compõem a pesquisa, como é evidenciado a seguir:

Buturuna		Nº de ocorrências: 05		
Mapa	Registro topônimo	Taxonomia	Comarca	Nomeia
Anon, Cap, 1767	Beturuna	Geomorfotopônimo	Rio das Mortes (Setecentos)	Arraial
Rocha, Cap, 1777	Buturuna	Geomorfotopônimo	Rio das Mortes (Setecentos)	Parochias
Rocha, Com, 1777	Buturuna	Geomorfotopônimo	Rio das Mortes (Setecentos)	Parochias
Rocha, Cap, 1778	Boturuna	Geomorfotopônimo	Rio das Mortes (Setecentos)	Parochias
Rocha, Com, 1778	Beroruna	Geomorfotopônimo	Rio das Mortes (Setecentos)	Paróquia

Figura 3 – Ocorrências do topônimo *Buturuna*.

É pertinente evidenciar algumas mudanças e permanências topônicas verificadas ao confrontar os topônimos históricos e as denominações atuais no território mineiro, como revelam os seguintes exemplos:

- **Permanência:**

Morro Vermelho; Morro da Garça.

- **Mudança total:**
Topônimo histórico: *Morro Grande*
Topônimo atual: *Barão de Cocais*
- **Mudança parcial:**
Topônimo histórico: *Chapada*
Topônimo atual: *Chapada do Norte*
- **Variação:**
Topônimo histórico: *Beturuna~Buturuna~Boturuna~Beroruna*
Topônimo atual: *Ibituruna*

Em relação à origem linguística dos topônimos, a análise dos dados revelou a presença majoritária de topônimos de origem portuguesa e em menor presença os de origem indígena, como mostra o gráfico a seguir:

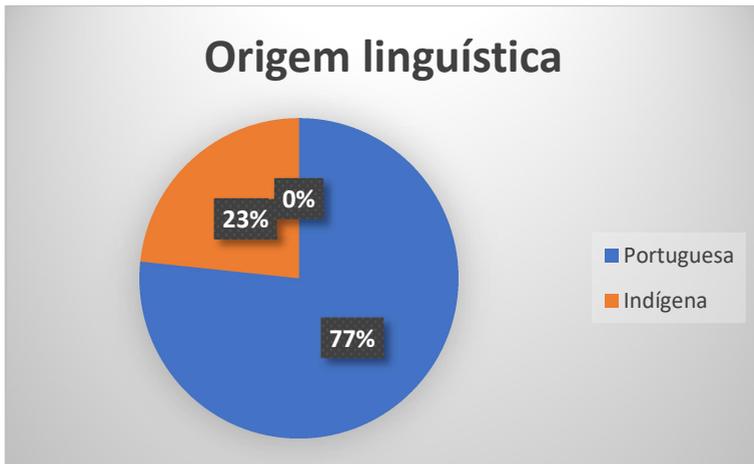


Figura 4 – Gráfico da origem linguística dos topônimos

Esse resultado se revela compatível ao período histórico verificado, já que a presença majoritária de topônimos de origem portuguesa no território mineiro evidencia o domínio português no período colonial e joanino.

Foi verificada, também, a produtividade do topônimo *Morro* (e *Morrinhos*) totalizando 30 ocorrências (considerando os topônimos não identificados no território mineiro atual), como em:

Morro Grande, Morro da Garça, Morro Vermelho, Morro do Pilar, Morro do Xapeo, Morro de Mateu Lemes e Morrinhos.

Morro da Garça, Morro Vermelho e Morro do Pilar, seguiram figurando no território mineiro atual. Os outros topônimos mencionados sofreram mudanças:

Morro Grande > Atual *Barão de Cocais*

Morro do Xapeo > Atual *Santana dos Montes*

Morro de Mateu Lemes > Atual *Mateus Leme*

Morrinhos > Atual *Arinos*

Morrinhos > Atual *Matias Cardoso*

É pertinente evidenciar as informações enciclopédicas consideradas sobre o topônimo *Morro do Xapeo*:

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: [...] Houaiss (2009, p. 1320) apresenta como primeira definição de *morro*: “Pequena elevação em uma planície; monte de poucas dimensões; colina; outeiro”. O dicionarista apresenta, ainda, o topônimo *Morro do Chapéu*, que figura em território mineiro e baiano, com a seguinte definição: “cimo cujas saliências são semelhantes às abas de um chapéu; cuscuzeiro”. Complementa Souza (2004, p. 221) em relação ao topônimo evidenciado, de acordo com Diogo de Vasconcelos (p. 319 da *História Média de Minas Gerais*): ‘Morro do Chapéu é corrupção do indígena *chá- ver* e *pé-caminho*. Queria dizer morro de ver o caminho, isto é, de onde os bandeirantes, sertanistas ou índios, se orientavam em rumo de qualquer parte do sertão’. **Dicionário geológico-geomorfológico:** De acordo com Antônio Teixeira Guerra e Antonio José Teixeira Guerra (2001, p. 440) *morro* é apresentado como: “monte pouco elevado, cuja altitude é aproximadamente de 100 a 200 metros. Termo descritivo para o geomorfólogo, e muito usado pelos topógrafos”.

5. Considerações finais

Diante do entendimento de que os topônimos históricos permitem resgatar informações do passado que ajudam a interpretar o presente, não é difícil reconhecer a importância dos estudos que contemplam a Toponímia Histórica.

Como foi verificado, neste trabalho, os registros toponímicos em mapas históricos são importantes objetos de estudo e possibilitam produtivas pesquisas.

Ainda que a pesquisa aqui evidenciada seja um recorte de um trabalho maior, que está em desenvolvimento, por meio da análise dos dados e resultados parciais, é possível inferir algumas considerações gerais da geomorfotoponímia histórica em Minas Gerais. A presença dos geomorfotopônimos revela o interesse do homem pelos traços topográficos, visto que tenham servido como fator motivacional no ato denominativo do local. É pertinente exemplificar, inclusive, a produtividade do topônimo *Morro*, em suas diversas ocorrências, o que mostra a relevância e presença dos “morros” no período contemplado, já que serviam como orientação aos bandeirantes, sertanistas e índios nas terras mineiras. Os resultados mencionados revelaram, também, a presença majoritária de topônimos de origem portuguesa, explicitando o interesse e domínio português pelo território mineiro. A análise possibilitou, portanto, averiguar a relação dos topônimos com o ambiente inserido no contexto histórico estudado, revelando um patrimônio linguístico que contribui para a memória histórica e cultural de Minas Gerais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABBADE, Celina Márcia de Souza. *Lexicologia social: a lexemática e a teoria dos campos lexicais*. In: ISQUERDO, A. N.; SEABRA, M. C. T. C. de. (Org.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. Campo Grande, MS: UFMS, 2012. p. 141-61

ALVES, Ieda Maria. *Neologismo: criação lexical*. São Paulo: Ática, 1994.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. *Teoria linguística: teoria lexical e linguística computacional*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

BRITO, O. H. A. de. Apresentação. In: COSTA, A. G.; RENGER, F. E.; FURTADO, J. F.; SANTOS, M. M. D. dos. *Cartografia das Minas Gerais: da Capitania à Província*. Belo Horizonte: UFMG, 2002.

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. *A Motivação Toponímica e a Realidade Brasileira*. São Paulo: Governo do Estado de São Paulo. Edições Arquivo do Estado, 1990a.

_____. *Toponímia e Antroponímia no Brasil*. Coletânea de Estudos. 2. ed. São Paulo: FFLCH/USP, 1990b.

ISQUERDO, Aparecida Negrí. *Léxico regional e léxico toponímico: interfaces linguísticas, históricas e culturais*. In: ISQUERDO, A. N.; SEA-

BRA, M. C. T. C. de. (Org.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. Campo Grande-MS: UFMS, 2012. p. 115-39

SANTOS, M. M.; SEABRA, M. C. T. C.; *et al.* Toponímia de Minas Gerais, do Setecentos ao Oitocentos Joanino, em um Repositório de Dados Digital. In: *Anais do III Simpósio Brasileiro de Cartografia Histórica. Belo Horizonte: Centro de Referência em Cartografia Histórica/UFMG, 2016.*

SAPIR, Edward. *Linguística como ciência – Ensaio*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1961.

SEABRA, M. C. T. C.; SANTOS, M. M. D. Motivação toponímica da Comarca do Serro Frio: estudo dos registros setecentistas e oitocentistas em mapa da Capitania de Minas Gerais. In: *Anais do III Simpósio Luso-Brasileiro de Cartografia Histórica. Ouro Preto: Centro de Referência em Cartografia Histórica/UFMG, 2009.*

SEABRA, Maria Cândida Trindade Costa de. Referência e Onomástica. In: MAGALHÃES J. S. D., TRAVAGLIA, L. C. (Org.). *Múltiplas perspectivas em Linguística*. v.1, Uberlândia-MG: EDUFU, 2006. p. 1953-60

_____. *A formação e a fixação da Língua Portuguesa em Minas Gerais: a Toponímia da Região do Carmo*. Tese de Doutorado (Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais). 2v. Belo Horizonte: UFMG, 2004.